

A TEMÁTICA “INTERNACIONALIZAÇÃO” E SUA RELAÇÃO COM O CONTEXTO ACADÊMICO

THE THEME “INTERNATIONALIZATION” AND ITS RELATIONSHIP WITH THE ACADEMIC CONTEXT

Michele Silva Costa Sousa 1
Ângela Francine Fuza 2

Resumo: A internacionalização do ensino superior é considerada temática emergente no contexto da globalização, ao verificar que as universidades estão se movimentando para o desenvolvimento dessa cultura. Diante disso, o objetivo deste estudo é o de apresentar o mapeamento de estudos sobre o tema da internacionalização, no contexto acadêmico, através de um estudo bibliométrico. A questão que guiou o levantamento foi: quais são as tendências analíticas e temáticas dos estudos publicados, nos últimos quatro anos, sobre internacionalização no contexto universitário brasileiro? Para isso, utilizou-se de um protocolo de coleta de dados que se iniciou com a pesquisa de artigos publicados entre os anos de 2014 a 2018, no Portal de Periódicos da Capes, sinalizado pelos strings internacionalização e universidade. Após os critérios de exclusão, dos 81 artigos mapeados foram selecionados 22 que foram classificados em seis enfoques. Diante do exposto, percebe-se a variação do que, hoje, entende-se por internacionalização e as práticas de escrita voltadas ao contexto acadêmico.

Palavras-chave: Pós-graduação. Internacionalização. Letramento acadêmico.

Abstract: The internationalization of higher education is considered an emerging theme in the context of globalization, as it is verified that universities are moving towards the development of this culture. Therefore, the objective of this study is to present the mapping of studies on the theme of internationalization, in the academic context, through a bibliometric study. The question that guided the survey was: what are the analytical and thematic trends of the studies published, in the last four years, on internationalization in the Brazilian university context? For that, we used a data collection protocol that started with the search for articles published between 2014 and 2018, on the Capes Periodical Portal, signaled by the internationalization and university strings. After the exclusion criteria, of the 81 mapped articles, 22 were selected and classified into six approaches. In view of the above, there is a variation in what is now understood by internationalization and writing practices aimed at the academic context.

Keywords: Postgraduate studies. Internationalization. Academic literacy.

Mestre em Letras, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3913693720969816>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7250-3200>. E-mail: michele2_sc@yahoo.com.br

Doutora em Linguística Aplicada (Unicamp). Pós-doutoranda em 2
Linguística (UFSC/Capes). Professora adjunta da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9621843478275996>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8265-4064>. E-mail: angelafranza@uft.edu.br

Introdução

A internacionalização é uma estratégia adotada pelas universidades a fim de atender às demandas dos processos de globalização, sendo cada vez mais destacada no processo de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O conceito está atrelado a um processo que impulsiona integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global em rede no que diz respeito aos objetivos, funções e ações do ensino superior, com o intuito de contribuir para com o desenvolvimento da educação, o que repercute de modo benéfico na sociedade (WIT, 2014).

Este trabalho tem como proposta mapear os estudos que tratam sobre o tema da internacionalização, no contexto acadêmico, através de uma revisão bibliométrica. Interessa, aqui, identificar e analisar os trabalhos que estão inseridos na área de Linguística e Literatura.

Elaborou-se um protocolo de coleta de dados. Primeiramente, realizou-se pesquisa bibliométrica, em janeiro de 2019, no Portal de Periódicos da Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>)¹, indicado com as palavras-chave (também conhecido por *strings*): “internacionalização” e “universidade”. O foco foi mapear artigos publicados em revistas científicas com Qualis. A limitação desta metodologia é que não permite inserir outras bibliografias que não foram mapeadas na pesquisa bibliométrica, pois, assim, perde-se o sentido de entender o que se tem produzido em determinado período em termos de temática e conteúdo.

A fim de guiar este estudo e criar categorias analíticas² sobre as escolhas temáticas, foi necessário orientar-se sobre a seguinte questão: Quais são as tendências analíticas e temáticas dos estudos publicados, no período de 2014 a 2018, sobre internacionalização no contexto universitário brasileiro?

Para responder a esta questão, foram analisados os resumos dos trabalhos mapeados, baseando-se em Gomes-Santos (2005) que propôs três categorias de análise bibliométrica. Citam-se o enfoque temático, o aporte teórico e os resultados obtidos pela pesquisa. Por meio dessa classificação, foi possível melhor delineamento do que se pretende com este estudo. Além dessas variáveis, buscou-se também identificar o nome da revista (e sua relação com o Qualis na área de Linguística e Literatura), o ano de publicação, as palavras-chave, o objetivo, a metodologia e o contexto em que está situado trabalho científico. Para auxiliar na codificação dos seis enfoques temáticos criados, e na elaboração do mapa representativo denominado “nuvem de palavras”, utilizou-se do apoio do software de análise qualitativa NVivo3 versão 11.

Para melhor entendimento dessas questões, este estudo utiliza da abordagem de Letramento Acadêmico que é uma vertente dos Novos Estudos do Letramento (NEL) e que tem como foco o ambiente universitário, cujo objetivo é compreender as práticas específicas deste contexto (LEA; STREET, 2006, 2014).

O artigo está estruturado em oito seções, além desta introdução. A seção dois apresenta a metodologia deste trabalho, os artigos mapeados e seus enfoques temáticos. Nas demais seções são apresentadas com mais detalhes as temáticas identificadas: Internacionalização do ensino superior; Internacionalização de periódicos nacionais; As políticas de internacionalização nas universidades; Língua inglesa como requisito de internacionalização; Indicadores de internacionalização; e, por última, Letramento acadêmico e internacionalização. Na última seção são apresentadas as considerações finais deste estudo.

Os trabalhos mapeados e os seus enfoques temáticos

Deste levantamento, obteve-se 81 trabalhos mapeados como resultado da busca de duas

1 A escolha desta plataforma é devido ao fato de ser uma das mais completas em que estão depositadas as principais revistas científicas indexadas brasileiras e internacionais.

2 Os conceitos mais importantes de uma teoria perpassam pelas categorias analíticas que retêm as relações sociais fundamentais e podem ser balizadas para o conhecimento dos aspectos gerais do objeto de estudo (MINAYO, 2004).

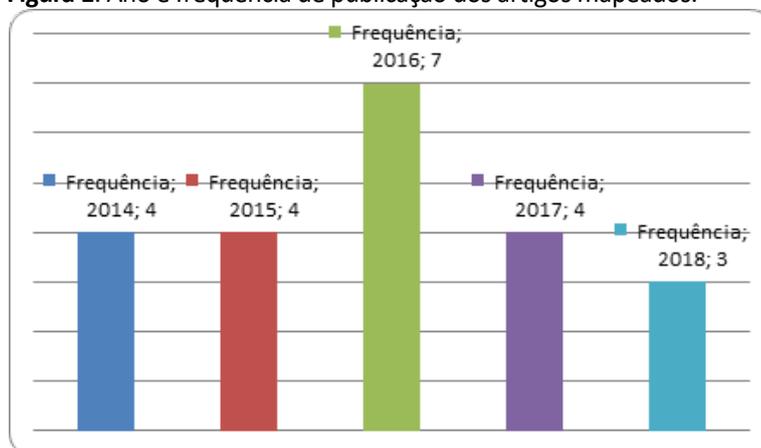
3 O NVivo é utilizado para organizar, codificar e analisar informações qualitativas em dados não estruturados, tais como: entrevistas, respostas abertas de pesquisa, artigos, mídias sociais, áudios, imagens, conteúdo da web, dentre outros. Assim, este software contribui com a codificação e o armazenamento do texto em categorias analíticas (MOZZATO; GRZYBOVSKI; TEIXEIRA, 2016).

palavras-chave (“internacionalização” e “universidade”) utilizados na pesquisa. Apesar de fazerem parte do resultado da pesquisa no portal da Capes, nem todos discutiam concomitantemente sobre esses dois temas, não eram da área de Letras, ou tampouco expressava experiência de internacionalização no campo das universidades brasileiras. Após análise preliminar, a partir da leitura do resumo dos trabalhos para a devida exclusão, foram selecionados 22 artigos científicos aptos para serem o *corpus* desta pesquisa bibliométrica.

Em muitos casos de estudos bibliométricos, verifica-se que o trabalho mapeado não se encaixa no tema desejado, mas, mesmo assim, ocorre sua inclusão nos resultados da busca com a palavra-chave assinalada na plataforma selecionada (PASQUOTE-VIEIRA, 2014). Por isso, a necessidade de se realizar outro filtro, *a posteriori* da leitura dos resumos.

Dos 22 trabalhos identificados, a maioria deles, ou seja, sete (31,8%) foram publicados em 2016, enquanto que, nos anos 2014, 2015 e 2017, tiveram a mesma (18,2%) frequência de publicação dos artigos selecionados, ou seja, quatro. E, no ano de 2018, reduziu para três o número de publicações, conforme se constata na Figura 1.

Figura 1. Ano e frequência de publicação dos artigos mapeados.



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às revistas científicas em que foram publicados os artigos, três delas tiveram mais de uma publicação. Destaque para a *Revista Gestão Universitária na América Latina e Ilha do Desterro*, ambas com três frequências, e também a *Revista Internacional de Educação Superior* com duas frequências. Das 17 revistas identificadas, 36,4% tem o Qualis na área de Linguística e Literatura, que abarca a subárea de Letras. Já as demais (63,6%) revistas perpassam pela interface entre o Qualis da área da educação e ensino, como retrata o Quadro 1.

Quadro 1. Nomenclatura e Qualis das revistas mapeadas.

Revista	Qualis	Frequência
Sinergia	#<?>	1
Arquivos analíticos de políticas educativas	#	1
Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior	A2	1
Educação e Pesquisa	A2	1
Educação em Revista	A2	1
Entreletras	B2	1
Geosaberes	#	1
Ilha do Desterro	A1	3
Motrivivência	#	1
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	A1	1
Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais	#	1

Internacionalização do ensino superior

No primeiro tema, “Internacionalização do ensino superior”, averiguou-se que a maioria (oito) dos artigos perpassa por este assunto. São trabalhos que discutem o que está sendo realizado para a internacionalização do ensino superior no país.

No cenário mundial, o que se percebe é que, assim como ocorre significativa desigualdade entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, as instituições de ensino superior europeias e as americanas possuem reconhecida tradição na mobilidade acadêmica internacional, enquanto que, recentemente, os países emergentes estão despertando para as benesses que a internacionalização das atividades de pesquisa, ensino e extensão praticadas pelas instituições de ensino superior possam contribuir para o desenvolvimento nacional (DAL-SOTO; ALVES; SOUZA, 2016).

No âmbito da América Latina, as ações de internacionalização do ensino superior é uma das estratégias educativas e políticas mais inovadoras diante do desafio dos países latinos fortalecerem os seus sistemas educativos (GACEL-ÁVILA, 2005). Verifica-se, desse modo, que, nas últimas décadas,

[...] as Instituições de Ensino Superior (IES), tanto brasileiras como estrangeiras, vivenciam novos desafios como a intensificação das trocas internacionais (econômicas e culturais), a democratização dos meios de transportes, a mobilidade geográfica e, diante deste cenário, o interesse por uma experiência internacional aumentou consideravelmente. Fatos como esses favorecem uma globalização das culturas, principalmente devido ao compartilhamento de hábitos cotidianos com pessoas de diferentes países e lugares do mundo. Nesse contexto, um desses hábitos que já começam a sofrer influência internacional, são as práticas educativas (SENA *et al.*, 2014, p.3).

No caso brasileiro, em função de ter criado tardiamente suas universidades e devido ao baixo nível de articulação delas para se internacionalizarem, torna-se um país emissor, isto é, as universidades brasileiras enviam os seus discentes para o exterior e, por outro lado, nem sempre conseguem atrair a atenção de pesquisadores renomados para “estagiar” no Brasil (TOSTA; STALLIVIERI; TOSTA, 2016). Neste contexto, a mobilidade de discentes está se tornando uma das principais estratégias de engajamento de políticas de internacionalização e a recente proposta da Capes é com foco nos alunos da pós-graduação.

Assim, é notório que as ações de internacionalização não ocorrem da mesma forma em todos os contextos, uma vez que é um processo que apresenta distintas interpretações, conforme o enfoque (LUCE; FAGUNDES; MEDIEL, 2016). Sobre as possíveis interpretações acerca do termo internacionalização, Knight (2010) aponta que

[...] para alguns, significa uma série de atividades, tais como: a mobilidade acadêmica de estudantes e de professores, redes internacionais, associações e projetos, novos programas acadêmicos e iniciativas de investigação. Para outros, significa a transmissão da educação a outros países através das novas disposições, como sucursais ou franquias de universidades, usando uma variedade de técnicas presenciais e à distância. Para muitos, significa a inclusão de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global dentro do currículo e o processo de ensino-aprendizagem. E, outros, concebem a internacionalização como centros regionais de educação, hot spots, redes de conhecimento. Os projetos de desenvolvimento internacionais são percebidos tradicionalmente como parte da internacionalização e, mais recentemente, o aumento na ênfase no comércio da educação superior também está sendo visto como internacionalização (KNIGHT, 2010, p. 1).

Dentre as principais atividades que fomentam a internacionalização da educação superior

no país está a mobilidade acadêmica entre discentes, docentes e pesquisadores, enquanto que, em menor medida, está a promoção de equipes de cooperação (LUCE; FAGUNDES; MEDIEL, 2016).

Para tanto, em uma investigação, Borges e Amal (2016) identificaram os principais determinantes que levam os cursos *stricto sensu* a se internacionalizarem, a saber: o reconhecimento no âmbito social e internacional, a credibilidade, a busca pela excelência, a visibilidade do curso e a ampliação do conhecimento científico. Este último é um dos principais fomentadores da internacionalização porque se trata do ambiente onde é gerado o conhecimento.

Além desses achados, apregoam também a importância dos Programas de Pós-graduação em articular parcerias com instituições/pesquisadores renomados. A ideia central é que a credibilidade influencia na escolha de outras instituições de ensino e pesquisa como parceiros no exterior. Com isso, é preciso formalizar as parcerias através de acordos de cooperação técnico-científica. Afinal, é de suma importância a rede de relações criada pelos cursos para o processo de internacionalização.

O processo de internacionalização do ensino superior brasileiro está sendo induzido por editais (por exemplo, o atual Capes Print e o Ciências Sem Fronteiras) como forma de as universidades se beneficiarem da promoção de políticas linguísticas e de internacionalização mais inclusivas. Por exemplo, no caso de línguas que foram desfavorecidas (decorrentes de alterações em normativas) podem ter possibilidades de coexistir com o inglês, o qual tem sido considerado língua franca, ao ser adotado em inúmeras dimensões, como a acadêmica, cultural, científica, comercial, dentre outras.

Assim sendo, propõe-se uma atitude mais reflexiva e responsiva por parte das instituições de ensino superior brasileiras, em resposta às mudanças que emergem perante à globalização, das quais espera-se despertar atenção para possibilidades que auxiliem a lidar com a tensão entre valores locais e globais, a fim de fomentar o perfil de internacionalização (GUIMARÃES; FINARDI, 2018).

Internacionalização de periódicos nacionais

No segundo tema, o foco recai na questão de como estão sendo articuladas as estratégias dos periódicos nacionais para sua internacionalização. Sabe-se que a produção científica nacional está em ascensão, ultrapassando, neste quesito, tradicionais países, como Holanda, Israel e Suíça (REGALARDO, 2010). Embora esteja entre os países em desenvolvimento que fazem parte dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o país ainda é considerado com baixo nível de internacionalização científica, ficando à frente apenas da África do Sul (ALISSON, 2013).

No estudo de Soares e Nova (2017), sobre os pesquisadores brasileiros que publicam em periódicos internacionais, constatou-se que a média de publicação de autores que fizeram doutorado completo no exterior é significativamente maior do que aqueles que fizeram doutorado completo no país. Os indicadores de difusão internacional estão centrados em periódicos estrangeiros e da escrita dos documentos oficiais em inglês (SANTIN; VANZ; STUMPF, 2015). Detalhadamente, sobre este assunto, esses autores assinalam que

[...] a internacionalização da ciência e das universidades se expressa de diversas formas, que podem ser avaliadas com base em diferentes indicadores. Dentre as dimensões internacionais estão os resultados da atividade científica, representados por diversos elementos, como o conhecimento gerado a partir das atividades de investigação científica. A produção científica constitui um dos principais aspectos da internacionalização, pois demonstra a capacidade de países e instituições de produzir conhecimentos relevantes para a comunidade científica internacional. Consiste, também, num dos principais critérios de avaliação das universidades em índices nacionais e internacionais, considerando aspectos como visibilidade em bases de dados internacionais, colaboração internacional e impacto das citações recebidas de autores estrangeiros (SANTIN; VANZ; STUMPF, 2015, p. 210).

O desafio que é posto para a produção científica brasileira é a necessidade que os pesquisadores brasileiros aumentem a inserção de sua produção acadêmica em periódicos

internacionais com elevado Qualis, visto que são citados, na maioria das vezes, unicamente em periódicos nacionais (COSTA *et al.*, 2012). Por outro lado, é preciso que os periódicos nacionais se qualifiquem para aumentar sua inserção internacional, visto que àqueles que estão indexados em bases internacionais publicam em torno de 85% dos artigos de autores nacionais e 8% dos artigos têm alguma colaboração de pesquisadores estrangeiros, o que não contribui significativamente para o impacto internacional do periódico (ALISSON, 2013).

Por sua vez, Silveira, Benedet e Santillán-Aldana (2018) concluem que não é claro o delineamento sobre a internacionalização dos periódicos científicos por parte dos organismos governamentais brasileiros, o que pode prejudicar o aumento e a qualidade das publicações. Mas, para Borini e Ferreira (2015), o importante é que os periódicos, que buscam se internacionalizar, principalmente, os que estão indexados nos índices Journal Citation Reports (JCR) ou Hindex (índice H da base Scopus), precisam buscar a normatização da revista nos aspectos que contemplem a gestão e as práticas científicas; ampliar a indexação em bases de dados latinoamericanas e indexação em bases de centrais como ISI-Thompson e Scopus.

Outro impasse é que os critérios estipulados pelas agências de fomento para outorgar recursos financeiros de apoio à editoração de periódicos científicos não contemplam a diversidade deles. Isso acarreta na exclusão de muitas dessas publicações que não tiveram oportunidade de acessar tal recurso, o que limita o desenvolvimento dos periódicos que ficaram de fora dos parâmetros estabelecidos, apontam Silveira, Benedet e Santillán-Aldana (2018).

A sugestão é a articulação de diálogo entre os diferentes atores partícipes do processo, seja no âmbito da editoração científica brasileira, seja das agências que fomentam a internacionalização dos periódicos científicos, a fim de alcançarem uma proposta inclusiva. Neste caso, as editoras, na maioria das vezes, vinculadas às universidades, buscariam negociar com as agências de fomento melhores oportunidades de apoio para suas publicações. Enquanto que os editores científicos buscariam assumir papel mais proativo, ao adotar práticas estratégicas necessárias para articular ações de internacionalização, sem deixar de lado a qualidade integral do seu projeto editorial (SILVEIRA; BENEDET; SANTILLÁN-ALDANA, 2018).

Outra ação que está sendo realizada para dar capilaridade as publicações é a divulgação do periódico científico através das redes sociais. A partir desta inserção, os conteúdos acadêmicos da revista poderão ter efeito significativo em relação aos índices de citação dos artigos, a mais longo prazo e por vias que essas métricas não podem mensurar quantitativamente. Essa tendência reforça a publicação de periódicos em edições digitais em detrimento das edições impressas em papel. Essa decisão perpassa pela questão de “eliminar ou não as edições em papel que muitas bibliotecas já não querem, pouquíssimos leitores subscrevem e que não acham comprador em livreria alguma” (BENCHIMOL; CERQUEIRA; PAPI, 2014, p.362).

Embora estejam havendo diversas iniciativas para mensurar o volume e a qualidade da comunicação científica, a produtividade acadêmica se tornou alvo de intensas críticas (SOARES, NOVA, 2017). Em torno da década de 1930, diversos pesquisadores começaram a se opor às práticas acadêmicas advindas da pressão por produtividade, até que foi criada a conhecida frase sobre a academia científica: “*Publish or Perish*” (Publique ou pereça, em português). Outra iniciativa foi a criação do movimento *slow science* (na mesma lógica de iniciativas, como *slow food*, *slow city*, *slow economy* etc.), numa proposta de desaceleração da ciência, como resposta de parte da comunidade científica descontente e apreensiva com a “*McDonaldização*” da produção da escrita (ALCADIPANI, 2011).

Em linhas gerais, para a internacionalização da produção científica brasileira, é preciso que as políticas públicas de Ciência, Tecnologia & Inovação e também ações voltadas para o fortalecimento do ensino superior assumam importância estratégica no processo de internacionalização (SANTIN; VANZ; STUMPF, 2015).

As políticas de internacionalização nas universidades

No terceiro tema, o debate foi em torno de compreender o processo de internacionalização e como as políticas direcionadas à universidade podem contribuir para a internacionalização do ensino superior, principalmente as de mobilidade acadêmica.

As políticas nacionais de internacionalização estão alavancando a projeção científica

brasileira no cenário internacional, isso se deve ao fato de ser considerado um país emergente o que realça sua visibilidade.

Diferentes estratégias estão sendo construídas para a internacionalização das instituições de ensino superior, dentre elas, citam-se a mobilidade de discentes ou docentes que vão para o exterior, mobilidade de Programas de Pós-graduação (especialmente quando os cursos são realizados no exterior) e mobilidade de instituições quando ocorre o credenciamento de outras unidades no exterior (KNIGHT, 2003).

As políticas de mobilidade acadêmica visando à internacionalização do ensino superior nacional ganharam, nos últimos anos, incrementos importantes do governo federal. A ideia central foi apoiar a formação de recursos humanos de alto nível por meio da concessão de cotas de bolsas de doutorado sanduíche no exterior às instituições de ensino superior com cursos de doutorado reconhecidos pela Capes (CAPES, 2019).

Dentre as ações governamentais implementadas, foi criado em 2011 o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), ao substituir o Doutorado Sanduíche Balcão. Também foi criado o Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE), com o foco na ampliação do número de cotas concedidas as instituições de ensino superior e, assim, agilizar o processo de implementação das bolsas de estágio de doutorado no exterior (CAPES, 2019).

Criado também em 2011, destacou-se o Programa Ciência Sem Fronteiras com a proposta de promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional de recursos humanos. Tal ação foi planejada para ser executada entre 2011 a 2014, no qual alinhou-se a dezoito áreas estratégicas que o governo federal definiu para alocar as mais de 100.000 bolsas destinadas a discentes e pesquisadores brasileiros e estrangeiros realizarem mobilidade acadêmica no âmbito internacional. No total, o CsF teve dispêndio em torno de R\$10 bilhões dos cofres públicos, o que é considerado uma iniciativa audaciosa no contexto de políticas públicas de internacionalização (ARCHANJO, 2015). Em 2017, o Programa foi reformulado e passou a ter foco na pós-graduação.

Após ter finalizado o ciclo desta política, em 2016, na avaliação do governo federal o CsF “foi capaz de aumentar a visibilidade internacional da educação superior brasileira (...) [e] lançou bases mais firmes para a inserção das universidades e outras instituições brasileiras em programas de cooperação internacional no campo da pesquisa” (BRASIL, 2015, p. 61).

Com a proposta de verificar se a mobilidade de doutorandos para o sanduíche, da maneira como tem sido aplicada, pode representar a internacionalização da instituição de ensino superior ou seria somente uma experiência particular do doutorando, os autores Torres, Silva e Gomes (2016) identificaram peculiaridades em diferentes etapas da mobilidade acadêmica. Na primeira etapa, que antecede ao intercâmbio, o engajamento maior é feito pelo discente, assim com o custeio do processo, se houver. Isto já é uma sinalização de entrave para a adesão do discente ao Programa, cujo único auxílio do orientador ocorre através do estabelecimento do contato com o orientador de destino. Constatou-se que é necessário o planejamento de atividades do doutorado sanduíche, vez que não há obrigatoriedade em cursar disciplinas, ainda mais que uma das obrigações é ter finalizado as disciplinas no Programa de Pós-graduação de origem. Afinal, a não programação pode se transformar em uma viagem de turismo. Já, na etapa de retorno do sanduíche, é notório o quanto os doutorandos percebem o salto qualitativo que tiveram com a experiência em uma instituição de excelência. Em especial, os discentes que optaram por participar de grupos de pesquisa e de disciplinas, como aluno ouvinte, tiveram a oportunidade de angariar maiores conhecimentos e, por sua vez, aprimoramento acadêmico e profissional, como apontado pelos autores supracitados. No entanto, na literatura, existe também corrente que critica os resultados que são proporcionados pela mobilidade acadêmica.

As considerações deste estudo levam a não relação entre o referencial de tal política e o que ocorre na prática. Ou seja, o doutorado sanduíche, apesar de ser uma política voltada para mobilidade acadêmica com vistas à internacionalização do Programa de Pós-graduação (e de sua instituição), precisa de ajustes. Assim, o doutorado sanduíche se mostra eficiente para o doutorando, mas não necessariamente cumpre seu propósito na totalidade. O problema está na ausência de estratégias da instituição de ensino superior em incentivar práticas de letramento, vinculando-as a seus projetos de investigação. De todo modo, o que se verifica é que essas estratégias acabam

sendo usadas por discentes que buscam a sua própria internacionalização.

Além das políticas de mobilidade acadêmica, tem-se notado a formulação de políticas linguísticas no plano doméstico para o contexto estrangeiro, enfatizando ações de internacionalização da língua portuguesa. O que se constata é que existem práticas de divulgação da língua portuguesa no exterior, o que antes era restrito à tradução de renomeados autores brasileiros (NÓBREGA, 2016). Para isso, é preciso

[...] inovar o projeto pedagógico dos Programas de Pós-graduação, com vistas a formar profissionais que possam atuar nas esferas de decisão das políticas linguísticas. Tal inovação deve ser iniciada pela incorporação de estudo sobre questões éticas e ideológicas às linhas de pesquisa da pós-graduação, que reforçaria o estreitamento entre raciocínio histórico-discursivo e abordagem linguística, indo além da descrição abstrata do sistema da língua (NÓBREGA, 2016, p.417).

Neste contexto, é sabido que a internacionalização é uma das prioridades das universidades brasileiras, no momento, entretanto, nem o governo, nem as instituições estão considerando as ameaças que estão por trás dos benefícios. Ou seja, não se pode priorizar apenas algumas ações de internacionalização, como as mobilidades acadêmicas ou o fomento da escrita em inglês, mas também direcionar olhares para políticas linguísticas que fomentam práticas de divulgação da língua portuguesa, no exterior, e, também, para os estrangeiros que chegam às universidades brasileiras (NÓBREGA, 2016). Assim, as políticas linguísticas contribuem para a solução de problemas de comunicação através da proposição de estudos de línguas ou desenvolvimento de uma política de seleção e utilização destas, uma vez que o planejamento linguístico é parte significativa dos planos de internacionalização (WILEY; GARCIA, 2016)

Dessa forma, no processo de internacionalização, ao definir as estratégias para a veiculação científica, as políticas linguísticas a serem adotadas e incentivadas repercutem também sobre as identidades e relações entre distintos grupos, uma vez que estas reverberam sobre poder, acesso ao conhecimento, bem como legados culturais que impactam o equilíbrio entre participantes incorrendo, ora em internacionalização ativa, ora em passiva (LIMA; MARANHÃO, 2009). Isto posto, constata-se que essas ações estão estritamente relacionadas as políticas de internacionalização da Capes, pois é, a partir do proposto por esta agência, que os PPG promovem estratégias de letramento acadêmico em uma segunda língua, assunto que será discutido na próxima seção. Entretanto, essas ações de internacionalização podem não continuar devido às recentes alterações no cenário político brasileiro, visto que os investimentos na área da educação também têm sido cortados.

Língua inglesa como requisito de internacionalização

No quarto tema, a discussão se volta para a importância da língua inglesa como um dos requisitos de internacionalização e como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) podem influenciar no aprendizado de línguas.

O fenômeno da internacionalização do ensino superior afeta e é afetado pela globalização. Decorrente disso, Finardi e Corcino (2014) buscam entender duas vertentes em voga que estão associadas a este fenômeno: (a) a internacionalização como uma resignificação da globalização homogeneizante e mercantilista; e (b) a internacionalização como uma questão político-econômica de emancipação e empoderamento das vozes do sul.

Uma das consequências deste fenômeno é a hegemonia do uso do inglês como língua oficial na universidade como forma de se internacionalizar (SHIN; TEICHLER, 2014). Trata-se, então, de uma língua franca global que está estritamente associada aos processos de globalização e sua disseminação é inseparável a este fenômeno (HUPPAUF, 2004; LAGE; BARBOSA, 2017).

Dessa forma, a inserção do indivíduo na comunidade científica está estritamente relacionada à necessidade de dominar a forma de produção e de circulação da ciência que, neste caso, é a forte influência do inglês para a publicação acadêmico-científica (FUZA, 2017).

No entanto, outros estudos apontam que a principal limitante identificada para a

internacionalização do ensino superior é o baixo nível de proficiência em inglês que impede a mobilidade acadêmica dos discentes para o exterior, como ocorreu consideravelmente no CsF (FINARDI; ORTIZ, 2014; FINARDI; PORCINO, 2014). Sobre o problema elencado deste Programa, foram tomadas medidas a fim de melhorar o desempenho dos acadêmicos na parte de línguas, como forma de até melhor conceituar o Ciência Sem Fronteiras. Segundo Archanjo (2015), as ações foram direcionadas para: a) a criação do programa Inglês sem Fronteiras com cursos à distância; b) a redução da pontuação mínima em testes de proficiência; c) a aplicação gratuita de testes de proficiência nas universidades; d) a disponibilização de cursos de línguas nas universidades no exterior; e) a ampliação do programa de formação de línguas estrangeiras para outros idiomas; f) os cursos adicionais presenciais de línguas estrangeiras nas universidades cadastradas e, por último, g) a realização de intercâmbio de docentes estrangeiros e brasileiros para impulsionar a formação profissional.

Verifica-se, então, que a fluência em determinada língua estrangeira pode influenciar na participação com êxito de um discente nos Programas de Pós-graduação e também nas modalidades acadêmicas internacionais, que limita a sua inserção no mundo contemporâneo (LAGE; BARBOSA, 2017).

Assim sendo, Pinheiro e Finardi (2014) averiguam que, na mobilidade acadêmica do tipo OUT (discentes brasileiros vão estudar no exterior) ou no tipo IN (universidades brasileiras recebem discentes estrangeiros), em ambas tipologias o problema continua na falta de proficiência em inglês para a internacionalização do ensino superior.

Essa demanda pela aquisição da proficiência em língua estrangeira, especialmente, o inglês, é imprescindível para a comunicação internacional devido à influência da cultura da globalização (LAGE; BARBOSA, 2017). Assim, ao inglês, por ser considerado língua global, é dado este *status* por ser reconhecido em todos os países (CRYSTAL, 2003). Desse modo,

[...] há um efeito positivo da influência da língua inglesa, qual seja, a exposição dos conhecimentos fora do contexto local e nacional. Todavia, há a necessidade de conceber a língua além de seu domínio individual ou apenas como um conjunto de habilidades de escrita a ser aprendido, observando-a na relação que estabelece com o local e o não local, sendo utilizada por sujeitos diversos e que devem ter seu conhecimento valorizado (FUZA, 2017, p.321).

A fim de fomentar a mobilidade acadêmica e minimizar as limitações supracitadas, Programas de Pós-graduação no país estão oferecendo a disciplina: *Research and Academic Writing in English Language* (Pesquisa e Escrita Acadêmica em Inglês) como forma dos participantes do respectivo curso aprenderem a escrever textos científicos em língua inglesa (FERREIRA; LOUSADA, 2016).

De igual modo, outra iniciativa para que o inglês se consolide como a língua de novos conhecimentos da academia foi a criação de cursos de escrita *on-line* como forma de propiciar aos sujeitos interessados o domínio da língua para a publicação e, respectivamente, para a circulação do conhecimento. Entretanto, a crítica recorre ao fato de que esses cursos podem conceber a escrita nos moldes do letramento autônomo, realçando os aspectos direcionados à forma e ao estilo dos textos, não importando as especificidades da área do conhecimento do pesquisador (FUZA, 2017).

Outro ponto que tem contribuído para o aprendizado da língua inglesa como língua internacional é o uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação, conhecida popularmente como TIC. Esta ferramenta contribui essencialmente para “um fluxo mais ágil, democrático e barato de informação, produtos e serviços, o que numa economia globalizada significa milhões de usuários conectados a dispositivos móveis, internet e redes sociais” (FINARDI; PORCINO, 2014, p. 242).

Com isso, essas novas tecnologias têm colaborado para a forma como são produzidos e adquiridos informações e conhecimentos, tal como ocorrem nos cursos abertos, ofertados por universidades de excelência mundial, com ou sem certificação (FINARDI; PORCINO, 2014).

Outro exemplo que se verifica é o potencial que o Facebook está se tornando para a prática do inglês ou de outra língua, mas, ainda, é uma ferramenta didática subexplorada (FINARDI *et al.*, 2013). Embora, o Facebook possa ter este potencial, outros estudos o contestam, ao informar que,

principalmente por parte dos docentes, não são vistos como uma ferramenta pedagógica para a comunicação e prática do inglês. O referencial desta rede social está atrelado ao entretenimento, com pouco ou insignificante aprendizado para a língua inglesa (FINARDI; VERONEZ, 2013; FINARDI; PIMENTEL, 2013).

Apesar deste indício, Finardi e Porcino (2014) apregoam que as TIC estão indissociadas das metodologias de ensino de línguas e que atualmente, decorrente da influência da globalização, mais do que nunca, a comunidade acadêmica deve estar preparada para lidar com essas duas linguagens: a tecnológica e o inglês (decorrente de sua natural internacionalização). Por último, consideram que a incorporação de qualquer metodologia ou de tecnologias no ensino deve ser, antes de tudo, voltados à criticidade das mesmas.

Portanto, esses indícios apontam que a língua inglesa é fundamental para a promoção da internacionalização dos PPG, uma vez que até mesmo para pleitear bolsas de estudos no exterior é fundamental a comprovação do domínio do inglês através de provas específicas de proficiência.

Letramento acadêmico e internacionalização

No quinto tema, o foco é no letramento acadêmico como forma de internacionalização, uma vez que uma das demandas impostas para um Programa de Pós-graduação se internacionalizar é a socialização por meio da escrita acadêmica, não somente para fins de leitura e assimilação de conteúdo, mas sobretudo no quesito de publicação na língua inglesa e também francesa (FERREIRA; LOUSADA, 2016).

Sabe-se que, no caso da língua estrangeira, com as oportunidades de mobilidade acadêmica em voga de discentes brasileiros para outro país, decorrente de políticas de internacionalização do ensino superior, exige-se dos graduandos e pós-graduandos que escrevam adequadamente na língua do país de destino e a utilização de gêneros textuais que, regularmente, não são exigidos na lógica universitária brasileira (SILVA; LOUSADA, 2014).

Neste íterim, considera-se que a escrita não é uma habilidade central nos cursos livres de idiomas que é tido como um ambiente tradicional e de prestígio para os brasileiros, a fim de aprenderem determinada língua estrangeira (FERREIRA, 2011). De todo modo, o discente ingressante, em universidade, também, não tem noção clara e didática do que seja o discurso acadêmico em língua estrangeira. Assim, a abordagem generalista do ensino da escrita, em qualquer língua, é adotada como pressuposto (FERREIRA; LOUSADA, 2016).

Para minimizar este problema recorrente na academia, Ferreira e Lousada (2016) apresentaram a iniciativa do Laboratório de Letramento Acadêmico, da Universidade de São Paulo, que tem a proposta de auxiliar discentes da graduação e da pós-graduação a produzirem textos em língua materna e estrangeira, especialmente, em inglês e francês. Esta experiência se destacou pela produção textual oral e escrita na esfera acadêmica em língua estrangeira que está no rol das iniciativas que promovem a internacionalização das universidades, através de parcerias com disciplinas, cursos de extensão e as tutorias, que têm papel primordial no letramento acadêmico de discentes em nível de graduação e pós-graduação. Essa experiência pioneira levou com que outras universidades se apropriassem desta estrutura organizacional a fim de obter os mesmos resultados em termos de letramento acadêmico.

Com isso, uma das demandas impostas para os Programas de Pós-graduação se internacionalizarem é por meio da socialização da escrita acadêmica, não somente para fins de leitura e assimilação de conteúdo, mas sobretudo no quesito publicação. Portanto, percebe-se a variação do que, hoje, entende-se por internacionalização e as práticas de escrita voltadas ao contexto acadêmico. No entanto, não foram problematizadas mais informações sobre essa temática devido ter tido apenas um trabalho mapeado dentre os 22 desta amostra.

Indicadores de internacionalização

Neste último tema, a discussão é sobre os indicadores de internacionalização e o que os recém-criados rankings acadêmicos estão mensurando. Os rankings têm se tornado, cada vez mais, recorrentes no ambiente acadêmico, o que parece inevitável na atual conjuntura. Gestores universitários e *policy makers* (formuladores de políticas) envolvidos com o ensino superior utilizam de tal ferramenta para ajustar possíveis desdobramentos em seus planejamentos, inclusive em ações de internacionalização.

Os rankings acadêmicos estão influenciando as instituições de ensino superior a adquirirem comportamento empresarial. Entretanto, nem sempre os indicadores de internacionalização selecionados nos rankings acadêmicos são claros na forma de mensuração, devido principalmente à complexidade inerente ao conceito e aos obstáculos em compreendê-los em profundidade. Isto resulta numa falta de entendimento pleno do seu significado e na carência de modelos padronizados para que as universidades ampliem sua dimensão internacional (KNIGHT, 2015; LEAL; STALLIVIERI; MORAES, 2018).

Para os autores Leal, Stallivieri e Moraes (2018), o uso dos rankings acadêmicos como único parâmetro para a tomada de decisão de diferentes atores da área e na formulação de políticas de internacionalização é considerado equivocado, pois existem limitações significativas em termos filosóficos e pragmáticos.

Na maioria dos casos, os rankings seguem sua mensuração numa perspectiva preponderantemente quantitativa. Os indicadores (e seus respectivos pesos) não são orientados por alguma justificativa teórica. Por isso, que, geralmente, implicam em superficialidade, pois continuam a privilegiar os que já são privilegiados (ALTBACH, 2015) ou reciclam a dominação das universidades mais fortes conceitualmente (MARGINSON, 2017). Outro viés é que na ausência de uma avaliação de caráter qualitativo e contextualizado, as universidades menores dificilmente alcançarão indicadores de projeção internacional. Prova disso é que apenas 8% das universidades do mundo estão inclusas em algum tipo de ranking acadêmico (UNESCO, 2013). É evidente o quanto a internacionalização é mensurada pelas publicações em língua inglesa já que essas métricas constituem peso na classificação global das universidades. No entanto, a publicação de trabalhos dessa ordem pode afetar os objetivos, atividades e condições de trabalho do ensino superior, uma vez que há escassez de recursos financeiros e humanos que possuam habilidade e competência para tradução (MIRANDA; FIAD, 2018).

Portanto, no contexto apresentado, evidencia-se que os estudos voltados às temáticas “Letramento acadêmico e internacionalização” e “Indicadores de internacionalização” foram menos retratados nos artigos publicados entre os anos de 2014 a 2018 e cadastrados na Plataforma da Capes, o que ocasionou em menor incidência na problematização neste estudo bibliométrico. Isto permite inferir, que no referido período da pesquisa, os estudos de internacionalização estiveram mais direcionados as outras temáticas: “Internacionalização do ensino superior”, “Internacionalização de periódicos nacionais”, “Políticas de internacionalização nas universidades” e “Língua inglesa como requisito de internacionalização” associado ao maior número de artigos publicados nelas. Por isso, a relevância desta dissertação ao explorar o tema da internacionalização na pós-graduação, ainda incipiente na área dos letramentos.

Considerações Finais

As ações de internacionalização no âmbito universitário estão em ritmo crescente, dado o contexto do mundo globalizado. Prova disso é que se tem notado a adoção de medidas governamentais, a fim de aprimorar a participação do Brasil na construção do conhecimento científico e tecnológico e as universidades têm papel preponderante para tal consecução. Elas vêm promovendo intervenções para melhor adequação de sua estrutura interna com a finalidade de usufruir ao máximo dos incentivos governamentais e também de organismos internacionais.

Dessa forma, emergem para a comunidade acadêmica brasileira novas demandas linguísticas, não somente voltadas à leitura, mas àquelas que tem o foco na comunicação oral e escrita no discurso acadêmico, orientadas por, pelo menos, duas línguas, a materna e a estrangeira (principalmente a inglesa), embora seja factível encontrar nas universidades brasileiras a ausência de condições materiais para o atendimento adequado dessas demandas.

Assim, através desta revisão bibliométrica, identificou-se que existem poucos estudos que relacionam, simultaneamente, as temáticas “Letramento acadêmico e internacionalização”. Por isso, a relevância de trabalhos que exploram o tema da internacionalização na pós-graduação, ainda incipiente na área dos letramentos.

Portanto, diante do fato de que o conhecimento científico e tecnológico mobiliza e alimenta sua produção, consumo e progresso, verifica-se que o “mercado” linguístico está em pauta na agenda

política e sua importância é crescente. Neste intento, globalizar e internacionalizar são palavras de ordem na sociedade do momento e a ascensão da educação multilíngue assume destaque estratégico. Apesar dos avanços nas políticas e ações de internacionalização do ensino superior brasileiro, verifica-se que, com os recentes cortes nas verbas dos PPG, as ações para tal fim podem não conseguir nem mesmo os resultados alcançados nos últimos anos. Afinal, será que os PPG continuarão com o mesmo planejamento estratégico para atingir o perfil de internacionalização? A resposta ao questionamento supracitado está condicionada as alternativas que cada PPG encontrará para dar continuidade as próprias ações rumo à internacionalização, tendo em vista que o modo de administração de cada realidade é situacional. Destarte, somente será possível chegar a uma resposta para o questionamento proposto, após a consolidação das mudanças políticas e verificação dos impactos no cenário acadêmico-científico.

Referências

ALISSON, E. **Revistas científicas de países emergentes aumentam processo de internacionalização**. Agência Fapesp [Portal], 2013. Disponível em <<http://agencia.fapesp.br/18142>>, acesso em 11 de fevereiro de 2019.

ALCADIPANI, R. Academia e a fábrica de sardinhas. **Organizações & Sociedade**, v. 18, n. 57, p. 345-348, 2011.

ALTBACH, P. The dilemmas of ranking. **International Higher Education**, n. 42, p. 23, 2015.

ALTBACH, P. Globalization and the University: Myths and Realities in the Unequal World. **Tertiary Education and Management**, Lancaster, UK, n. 1, 2004.

ALTBACH, P. G; KNIGHT, J. Visión panorámica de la internacionalización en la educación superior: motivaciones y realidades. **Perfiles educativos**, v. 28, n. 112, p. 13-39, 2006.

ALTBACH, P; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, Los Angeles, n. 3/4, p. 290-305, 2007.

ARCHANJO, R. Globalização e Multilinguagem no Brasil: Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 621-656, 2015.

BENCHIMOL, J. L; CERQUEIRA, R. C; PAPI, C. Desafios aos editores da área de humanidades no periodismo científico e nas redes sociais: reflexões e experiências. **Educação & Pesquisa**, v. 40, n. 2, p. 347-364, 2014.

BORINI, F. M; FERREIRA, J. Internacionalização de periódicos científicos brasileiros: estudo de caso à luz da teoria de redes e da teoria institucional. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v.14, n.4, 2015.

BORGES, G. R; AMAL, M. Internacionalização de cursos stricto Sensu: uma investigação sobre a distância psíquica e as práticas adotadas. **Revista Gestão Universitária da América Latina**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 260-281, 2016.

BRASIL. **Programa Ciência Sem Fronteiras**. Brasília: Senado Federal, 2015.

CAPES. **Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE)**. 2019. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/bolsas/bolsas-no-exterior/programa-de-doutorado-sanduiche-no-exterior-pdse>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2019.

COSTA, T. et al. Bibliometria e a avaliação da produção científica: indicadores e ferramentas. **Anais**

do Congresso Nacional de bibliotecários, arquivistas e documentalistas, Lisboa, Portugal, 2012.

CRYSTAL, David. **English as a global language** (2nd edn.). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DAL-SOTO, F; ALVES, J. N; SOUZA, Y, S. A produção científica sobre internacionalização da educação superior na Web Of Science: características gerais e metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.32, n.4,p. 229-249, 2016.

FERREIRA, M. M. **A promoção do letramento acadêmico em inglês por meio do ensino desenvolvimental**: contribuições da teoria histórico-cultural. Tese de Livre- Docência, FFLCH, USP, Dez 2015. 179p.

FERREIRA, M. M. O livro didático importado de inglês e o ensino da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 50, p.75-95, 2011.

FERREIRA, M. M; LOUSADA, E. G. Ações do laboratório de letramento acadêmico da Universidade de São Paulo: promovendo a escrita acadêmica na graduação e na pós-graduação. **Ilha do Desterro**, v. 69, n.3, p. 125-140, 2016.

FINARDI, K.; COVRE, J. M.; SANTOS, L. B.; PERUZZO, S. P.; HILDEBLANDO JUNIOR, C. A. Facebook as a tool for L2 practice. **Revista Contextos Linguísticos**, v. 7, p. 312-325, 2013.

FINARDI, K.; ORTIZ, R. A. Globalization, Internationalization and Education: What is the connection?. In: INTCESS14- International Conference on Education and Social Sciences, 2014, Istambul. **Proceedings of INTCESS14** - International Conference on Education and Social Sciences. Istambul: Ocerint. v. 1. p. 45-53, 2014.

FINARDI, K.; PIMENTEL, B. Crenças de professores de inglês sobre o uso do Facebook. **Revista Contextos Linguísticos**, v. 7, p. 238-253, 2013.

FINARDI, K. R; PORCINO, M. C. Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização. **Ilha do Desterro**, n.66, p. 239-282, 2014.

FINARDI, K.; VERONEZ, T. Beliefs on the use of Facebook as a communication tool between teachers and students. **Revista Contextos Linguísticos**, v. 7, p. 292-311, 2013.

GACEL-AVILA, J. The Internationalisation of Higher Education: A Paradigm for Global Citizenry. **Higher Education**, New York. v. 2, p.121-136, 2005.

GOMES-SANTOS, S. N. Das relações entre linguagem e ensino de língua: a produção acadêmica paraense em foco. **Revista MOARA**, n.24, p. 47-69, 2005.

GUIMARÃES, F. F; FINARDI, K. R. Interculturalidade, internacionalização e intercompreensão: qual a relação? **Ilha do Desterro**, v. 71, n. 3, p.15-37, Florianópolis, 2018.

HSU, C; PEREIRA, A. Internationalization and performance: The moderating effects of organizational learning. **Omega**, v. 36, n. 2, p. 188-205, 2008.

HUPPAUF, B. **Globalization**: threats and opportunities. In: GARDT & HUPPAUF (eds.), p. 3-24, 2004.

JENKINS, J. **English as a lingua franca in the international university**: the politics of academic English language policy. Nova Iorque: Routledge, 2014.

JONES, E.; DE WIT, H. Globalization of internationalization: thematic and regional reflections on a traditional concept. **The International Journal of Higher Education and Democracy**, Albany, v. 3, p. 35-54, 2012.

KNIGHT, J. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, v. 33, n. 3, pp. 2-3, 2003.

KNIGHT, J. International universities: misunderstandings and emerging models? **Journal of Studies in International Education**, v. 19, n. 2, p. 1-15. 2015.

KNIGHT, J. Five Myths about Internationalization. **International Higher Education**, Boston, v. 62, p. 14-15, 2011.

LEA. M. R; STREET, B. V. The 'Academic Literacies' Model: Theory and Applications. **Theory into Practice Fall**, v.45, n.4, p. 368-377, 2006.

LEA. M. R; STREET, B. V. O modelo de "letramentos acadêmicos": teoria e aplicações (The "Academic Literacies" Model: Theory and Applications). Tradução de Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.16, n. 2, p. 477-493, 2014.

LEAL, F. G; STALLIVIERI, L; MORAES, M. C. B. Indicadores de internacionalização: o que os rankings acadêmicos medem? **Revista Interacional de Educação Superior**, v.4 [54], n.1 p.52-73, 2018.

LUCE, M. M; FAGUNDES, C. V; MEDIEL, O. G. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. **Avaliação**, v. 21, n. 2, p. 317-339, 2016.

MARGINSON, S. Do rankings drive better performance? **International Higher Education**, n. 89, 2017.

MARTINS, D. L. Uso da análise multivariada para mapeamento do perfil de internacionalização das universidades federais brasileiras: um estudo exploratório a partir de dados disponíveis na base Web of Science. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, v. 20, n.3, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOROSINI, M. C. Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educação em Revista**, v.27, n.1, 93-112, 2011.

NASCIMENTO, R. P., SALVÁ, M. N. R. A política de avaliação da pós-graduação Stricto-Sensu e o Trabalho Docente: Rumo ao "Produtivismo Acadêmico"? **Anais do Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**, 4, Brasília, 2013.

NÓBREGA, M. H. Políticas linguísticas e internacionalização da língua portuguesa: desafios para a inovação. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 417-445, 2016.

NUNES, E; FERNANDES, I. Rankings internacionais: a irresistível polêmica em torno de seus sentidos e metodologias. **Revista Ensino Superior**, n.12, 2014.

PÉREZ-ESPARRELLS, C; LOPEZ GARCÍA, A. Rankings de instituciones de educación superior: panorama internacional. **Calidad en la Educación**, v. 30, p. 328-343, 2009.

PINHEIRO, L. M. S.; FINARDI, K. Políticas públicas de internacionalização e o papel do inglês: evidências dos programas CsF e IsF. In: II Conel, 2014, Vitória. **Anais do II Conel**. Vitória: PPGEL, 2014. v. 1. p. 76-78, 2014.

VIEIRA, R; LIMA, M. C. Academic rankings: from its genesis to its international expansion. **Higher Education Studies**, v. 5, n. 1, p. 63-72. 2015.

REGALARDO, A. Brazilian science: riding a gusher. **Science**, v.330, n.6009, p.1306-1312, 2010.

RIBEIRO, F. A. Unila e Unilab: uma abordagem sobre o processo de integração Internacional do ensino superior a partir das universidades federais no Brasil. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, Número Especial, p. 63-71, 2015.

SANDES-GUIMARÃES, L. V. **Gestão de periódicos científicos**: um estudo com revistas da área de administração. Dissertação (Mestrado em Administração), Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

SANTIN, D. M; VANZ, S. A. S; STUMPF, I. R. C. Internacionalização da produção científica em Ciências Biológicas da UFRGS: 2000-2011. **TransInformação**, Campinas, v.27, n.3, p. 209-218, 2015.

SENA, A. P; MATOS, F. R. N; MACHADO, D. Q; SENA, A. M. C. Internacionalização da educação superior: um estudo com alunos intercambistas de uma instituição de ensino superior do Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v.22, n.122, p. 1-22, 2014.

SHIN, J.C.; TEICHLER, U. The Future of The Post-Massified University at the Crossroads. In: SHIN, J.C.; TEICHLER, U. (Eds.). **Restructuring Systems and Functions**. Springer, 2014.

SILVEIRA, L; BENEDET, L; SANTILLÁN-ALDANA, J. Interpretando a internacionalização dos periódicos científicos brasileiros. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 90-110, 2018.

SOARES, S. V; NOVA, S. P. C. C. Pesquisadores brasileiros que publicam em periódicos internacionais: qual sua formação acadêmica? **Revista Gestão Universitária na América Latina**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 125-149, 2017.

SILVA, E.; LOUSADA, E. G. O plano de estudos: um gênero textual acadêmico para pleitear intercâmbio. **Horizontes**, v. 32, n. 2, p. 73-87, 2014.

TORRES, A. A. G; SILVA, C. M. M; GOMES, J. S. Mobilidade de doutorandos para o Sanduíche: internacionalização da IES ou do doutorando? **Revista Gestão Universitária na América Latina**, v. 9, n. 4, p. 274-291, Edição Especial, 2016.

TOSTA, H. T; STALLIVIERI, L; TOSTA, K. C. B. T. A internacionalização da educação superior: descrição do processo em curso na Universidade Federal da Fronteira Sul. **SINERGIA**, Rio Grande, v.20, n.2, p.35-46, 2016.

UNESCO. **Rankings and accountability in higher education**: uses and misuses. UNESCO, 2013.

WIT, H. Reconsidering the Concept of Internationalization. **International Higher Education**, n. 70, p. 6-7, 2013.

YONEZAWA, A. he internationalization of the university as a response to globalization: an east Asian perspective. In: SHIN, Jung Cheol; TEICHLER, Ulrich. (Orgs.). **The future of the post massified university as the crossroads**. Nova lorque: Springer, 2014. p. 59-71.

Recebido em 10 de fevereiro de 2020.
Aceito em 23 de março de 2020.